

O CONHECIMENTO POPULAR E CIENTÍFICO NAS PLANTAS MEDICINAIS

Maria Renata Alves de Andrade ¹
Rafaela Alves de Andrade ²
Thamires Santos de Andrade ³

RESUMO

A fitoterapia e o uso de plantas medicinais fazem parte da prática da medicina popular, constituindo um conjunto de saberes internalizados nos diversos usuários e praticantes, especialmente pela tradição oral. Esta prática diminuiu frente ao processo de industrialização, ocorrido no país, nas décadas de 1940 e 1950. (BRAGANÇA, 1996). A pesquisa tem como objetivo analisar conhecimento popular e científico nas plantas medicinais com o intuito de entender e conhecer as aplicações das plantas medicinais no cotidiano e cientificamente. A pesquisa foi realizada na cidade de Vieirópolis – PB e ocorreu entre os dias 20 a 27 de o do ano de 2021 com alguns moradores da zona urbana e rural. A qual tratou-se de uma pesquisa exploratória com fins descritivos, usando como forma de coleta de dados um questionário. A comparação entre o conhecimento científico e o conhecimento popular por parte dos participantes desta pesquisa permitiu afirmar que a população de forma geral possui um bom conhecimento sobre as plantas medicinais estudadas, o que gera uma efetiva funcionalidade quando utilizadas. As diferentes informações apontadas não demonstraram ser contraditórias, apenas incompletas.

Palavras-chave: Conhecimento, Plantas, Saúde.

INTRODUÇÃO

A fitoterapia e o uso de plantas medicinais fazem parte da prática da medicina popular, constituindo um conjunto de saberes internalizados nos diversos usuários e praticantes, especialmente pela tradição oral. Esta prática diminuiu frente ao processo de industrialização, ocorrido no país, nas décadas de 1940 e 1950. (BRAGANÇA, 1996).

O exercício da fitoterapia representa uma prática sociocultural da comunidade, que vem sendo aceita e utilizada por médicos do mundo todo, ainda que estes tenham sido

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, maria.renata@academico.ifpb.edu.br;

² 2 Graduada do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, rafaelaandradequimica@gmail.com;

³ Graduada do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, thamires.andrade@academico.ifpb.edu.br.

formados em instituições pertencentes a um modelo biomédico-farmacológico de atenção à saúde (SILVA, 2003).

Assim de acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde) 65 a 80% da população mundial, especialmente em países em desenvolvimento, ainda confi am nos produtos a base de plantas medicinais no tratamento de suas doenças, ou utiliza a medicina tradicional (ou alternativa, não convencional, não ortodoxa ou medicina complementar) na atenção primária à saúde (RAHMAN & SINGHAL, 2002).

A utilização de plantas medicinais cultivadas em quintais ou coletadas é uma pratica baseada no conhecimento popular, e na maioria das vezes, repassado de geração para geração. O conhecimento sobre ervas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos, e dessa forma, usuários de plantas medicinais de todo o mundo, mantém a prática do consumo de fitoterápicos, tornando válidas informações terapêuticas que foram sendo acumuladas durante séculos, apesar de nem sempre terem seus constituintes químicos conhecidos (MACIEL et al., 2002).

Nos dias de hoje a maior parte da comercialização de plantas medicinais é feita em farmácias e lojas de produtos naturais, onde preparações vegetais são comercializadas com rotulação industrializada. Em geral, essas preparações não possuem certificado de qualidade e são produzidas a partir de plantas cultivadas, o que descaracteriza a medicina tradicional que utiliza, quase sempre, plantas da flora nativa. (JUNIOR e PINTO, 2005).

No estudo científico sobre plantas medicinais é importante destacar que vários fatores estão relacionados a forma de buscar o conhecimento. É fato, que a busca de novos “princípios ativos” se insere dentro de uma lógica apropriacionista, onde a “novidade absoluta” é requisito para garantia do direito de propriedade intelectual. Desta forma, os conhecimentos etnobotânicos, principalmente os de populações indígenas e tradicionais, são progressivamente marginalizados e até negados, uma vez que fundamentam-se em “descobertas”, não apropriáveis através do sistema de patentes, além de, quando amplamente difundidos ameaçarem a possibilidade de apropriação de “princípios ativos” desenvolvidos, teoricamente, através de técnicas modernas de screening farmacológico. (BRASIL, 1996).

Portanto, a pesquisa tem como objetivo analisar conhecimento popular e científico nas plantas medicinais com o intuito de entender e conhecer as aplicações das plantas medicinais no cotidiano e cientificamente.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa foi realizada na cidade de Vieirópolis – PB e ocorreu entre os dias 20 a 27 de outubro do ano de 2021 com alguns moradores da zona urbana e rural. A qual tratou-se de uma pesquisa exploratória com fins descritivos, usando como forma de coleta de dados um questionário. E foi dividido em duas etapas:

A primeira etapa consistiu em informar aos indivíduos que aceitaram participar da pesquisa a respeito da abordagem e objetivo da problemática em estudo e em qual conteúdo estruturante o tema plantas medicinais se enquadraria para relacionar o conhecimento científico com o conhecimento popular dos entrevistados.

Na segunda etapa ocorreu a aplicação dos questionários para saber se o mesmo utilizava plantas medicinais, qual a finalidade, e modo de uso e após foi organizado os dados colhidos e comparados com os dados científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A tabela abaixo mostra as respostas dos moradores sobre as plantas medicinais, mostrando o conhecimento empírico.

Tabela 1: respostas dos moradores sobre as plantas medicinais.

ENTREVISTADOS	NOME POPULAR DA PLANTA	Partes utilizadas e como são usadas?	Conhecimento popular, e qual a finalidade
Entrevistado 1	Camomila	Flores para fazer chás, colando água e a planta até ferver.	Sinusite, má digestão
Entrevistado 2	Hortelã	As folhas, utilizadas em forma de chá.	Dor de garganta
Entrevistado 3	Malva	As folhas, usadas para fazer chá,	Dor de estômago

		onde ferve a água e a planta.	
Entrevistado 4	Erva cidreira	Folha, consumido sob forma de chá. Deixa a água ferver e depois adiciona a planta.	Dor de cabeça
Entrevistado 5	Erva doce	semente, sob forma de chá, onde ferve se a água e adiciona um punhado razoável da folha.	Cólicas
Entrevistado 6	Boldo	Folha, na forma de chá, onde se adiciona água quente à planta.	Má digestão.
Entrevistado 7	Eucalipto	Folhas secas	Dor de garganta, gripe.
Entrevistado 8	Marcela	Flores, coloca-se um recipiente no fogo com água até ferver.	Dor de barriga

Na literatura foram encontrados os seguintes resultados:

Tabela 2. Resultados encontrados na literatura

Nome da planta	Literatura
-----------------------	-------------------

<p>Camomila / Nome científico: <i>Matricaria recutita L.</i></p>	<p>A camomila tem indicação terapêutica como antiespasmódico e anti-inflamatório, podendo ser utilizado na forma de infusão, na quantidade de 2 a 6 g, 3 vezes ao dia uso tópico, na forma de tintura a 5 % especifica cada na RDC nº 48/04³ e RE nº 89/04. (BRASIL, 2004).</p>
<p>Hortelã / Nome científico: <i>Mentha piperita L.</i></p>	<p>Em relação às folhas e ao óleo essencial da Mentha, possuem propriedades antiespasmódicas, antiinflamatórias, antiúlcerativas e antivirais. Estudo realizado in vitro e in vivo do <i>Solidago chilensis</i> (lanceta), mostrou que as plantas deste gênero têm efeitos antimicrobiano, analgésico e antioxidante (HAEFFNER, et al, 2012).</p>
<p>Malva / Nome científico: <i>Malva sylvestris L.</i></p>	<p>Devido a estes constituintes, a Malva sylvestris L. é indicada em processos como abscessos dentoalveolar, lesões em mucosas, inflamações orofaríngeas e aftas (GASPARETTO et al., 2011).</p>
<p>Erva cidreira / Nome científico: <i>Melissa officinalis</i></p>	<p>A <i>M. officinalis</i> tem como indicação, auxiliar no tratamento sintomático da ansiedade leve e insônia leve; no alívio de sintomas gastrintestinais leves, incluindo distensão e flatulência. (EMA, 2013; PEREIRA, et. al, 2013).</p>
<p>Erva doce / Nome científico: <i>Pimpinella anisum L</i></p>	<p>É usada como antiespasmódica, inibidora da fermentação intestinal e carminativa (Brunetton, 1991).</p>

Boldo / Nome científico: <i>Peumus boldus</i> (L.) Molina	O boldo-do-chile (<i>Peumus boldus</i>) é uma planta usada principalmente para o tratamento de distúrbios hepáticos e intestinais, pois possui propriedades coleréticas e colagogas devido à presença do alcaloide boldina (Matos, 1998).
Eucalipto / Nome científico: <i>Eucalyptus glubulus</i> Labill.	O mesmo tem sido usado na medicina tradicional no tratamento de bronquite, asma e de outras doenças respiratórias (Vigo et al., 2004; Tavares et al., 2006).
Marcela / Nome científico: <i>Achyrocline sareoides</i> (LAM) D.C.	Estudos da macela em animais demonstraram propriedades analgésicas, antiinflamatórias e relaxantes, podendo explicar seu uso em problemas gastrointestinais, e problemas respiratórios como a asma (LORENZI; MATOS, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação entre o conhecimento científico e o conhecimento popular por parte dos participantes desta pesquisa permitiu afirmar que a população de forma geral possui um bom conhecimento sobre as plantas medicinais estudadas, o que gera uma efetiva funcionalidade quando utilizadas. As diferentes informações apontadas não demonstraram ser contraditórias, apenas incompletas.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, que permitiu que todas as conquistas em minha vida se concretizassem e agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, influenciaram na realização desta obra.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 9279, de 14 de maio de 1996. Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. Brasília. 1996.

Brasil. Resolução RE nº 89, de 16 de mar. 2004 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde. Dispõe sobre o registro simplificado de medicamentos fitoterápicos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 mar. 2004.

Bragança ALR. Plantas medicinais antidiabéticas: uma abordagem multidisciplinar. Niterói: EDUFF; 1996.

BRUNETON, J. Elementos de fitoquímica e farmacognosia. Zaragoza: Acriba, 594p. 1991.

GASPARETTO, João Cleverson; MARTINS, Cleverson Antônio Ferreira; HAYASHI, Sirlei Sayomi; et al. Ethnobotanical and scientific aspects of *Malva sylvestris* L.: A millennial herbal medicine. *Journal of Pharmacy and Pharmacology*, v. 64, n. 2, p. 172–189, 2012.

JUNIOR, Valdir F. Veiga; PINTO, Angelo C. PLANTAS MEDICINAIS: CURA SEGURA? *Quim. Nova*, Vol. 28, No. 3, 519-528, 2005.

HAEFFNER, R.; HECK, R. M.; CEOLIN, T.; JARDIM, V. M. R.; BARBIERI, R. L. Plantas medicinais utilizadas para o alívio da dor pelos agricultores ecológicos do Sul do Brasil. *Rev. Eletr. Enf. [Internet]*. jul/sep;14(3):596-602, 2012.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. Plantas Medicinais do Brasil Nativas e Exóticas, Ed. Instituto Plan-tarum de Estudos da Flora Ltda., Nova Odessa, p.131-132. 2002.

MACIEL, M. A. M. et al. Plantas medicinais: A necessidade de estudos multidisciplinares. *Química. Nova*. v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.

MATOS, F.J.A. Farmácias Vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. 3.ed. Fortaleza: UFC, 219p. 1998.

EMA. Community herbal monograph on *Melissa officinalis* L., folium [internet]. London: Committee on Herbal Medicinal Products (HMPC); European Medicines Agency. 2013.

PEREIRA AMS, BERTONI BW, Silva CCM, Ferro D, Carmona F, Cestari IM, Barbosa MGH. Formulário fitoterápico farmácia da natureza. 2ª edição. Ribeirão Preto: Bertolucci; 407p. 2014.

RAHMAN. SZ, SINGHAL KC. Problems in pharmacovigilance of medicinal products of herbal origin and means to minimize them. *Uppsalla Reports* 17. January Supplement. 2002.

SILVA, MIG. Utilização de Fitoterápicos nas Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF) no Município de Maracanaú-CE. Fortaleza, 144p. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará. 2003.

TAVARES JP, Martins IL, Vieira AS, Lima FAV, Bezerra FAF, Moraes MO, Moraes MEA. Estudo de toxicologia clínica de um fitoterápico a base de associações de plantas, mel e própolis. Rev Bras Farmacogn 16: 350- 356. 2006.

VIGO E, Cepeda A, Gualillo O, Perez-Fernandez R. In-vitro anti-inflammatory effect of Eucalyptus globulus and Thymus vulgaris: nitric oxide inhibition in J774A1 murine macrophages. J Pharm Pharmacol 56: 257-263. 2004.